



## NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR 1990

**Realização:** Manoel de Oliveira

**Argumento e diálogos:** Manoel de Oliveira

**Direção de fotografia:** Elso Roque

**Direção artística e décors:** Luís Monteiro, Maria José Branco

**Guarda-roupa:** Isabel Branco

**Som:** Gita Cerveira

**Música:** Alejandro Masso

**Misturas:** Jean Paul Loublier

**Montagem:** Manoel de Oliveira, Sabine Franel

**Interpretação:** Luís Miguel Cintra (Alferes Cabrita, Viriato, D. João de Portugal), Diogo Dória (Furriel Manuel, guerreiro lusitano, o primo de D. João de Portugal), Miguel Guilherme (soldado Salvador, soldado

lusitano, soldado de Alcácer Quibir), Luís Lucas (Cabo Brito, guerreiro lusitano, nobre de Alcácer Quibir), Carlos Gomes (Soldado Pedro, soldado de Alcácer Quibir), António Sequeira Lopes (Furriel, guerreiro lusitano, guerreiro de Alcácer Quibir), Lola Forner (Princesa D. Isabel), Raul Fraire (D. Afonso, guerreiro de Alcácer Quibir), Ruy de Carvalho (Pregador do Sermão nas exéquias de D. Afonso), Teresa Meneses (Dione), Leonor Silveira (Tethys), Mateus Lorena (D. Sebastião), etc.

**Produção:** Paulo Branco para Madragoa Filmes (Lisboa), Tornasol Filmes (Madrid), Gemini Films (Paris) e SGGC (Paris)

**Cópia:** 35mm, cor

**Duração:** 111 minutos

**Estreia mundial:** Festival de Cannes, maio de 1990

**Ante-estreia:** Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, 7 de outubro de 1990.



## PARA CÁ DO ESPELHO MÁGICO OU A GRÃ GLÓRIA DE DES-SONHAR

*It's all in pieces, all coherence gone.*  
John Donne

O último filme de Manoel de Oliveira surpreende pela linearidade da narrativa e a aparente clareza do propósito. Conta-nos, como a alunos atentos, mais ingénuos do que seria necessário, o estranho destino de um Povo - o nosso - vocacionado, não se sabe bem se pelos deuses, se pela Providência que nada deixa ao acaso, para fracassos tão clamorosos como enigmáticos. Um Não maiúsculo, com o tamanho de oito séculos ressoaria, como nos romances camilianos das paixões impossíveis, no espaço do sonho mais ou menos acordado do nosso ímpar destino.

À primeira vista, esta pedagógica reavistagem da História portuguesa, a partir do momento em que a nossa aventura imperial põe a dedada final na série das nossas derrotas por conta de sonhos inviáveis ou loucos, de Viriato a Alcácer-Quibir, parecerá uma escandalosa e audaciosa inversão do discurso ritual de natureza épica que, depois do romantismo - ou desde a origem? - nos tem servido de viático inesgotável. Em resumo, *NON ou a Vã Glória de Mandar* seria uma espécie de anti-*Lusíadas* contado às criancinhas perdidas nas malhas de um império findo por um Manoel de Oliveira - Velho do Restelo.

Sendo também isso, o conto que desta vez tem o cineasta de *Mon cas* (O Meu Caso, 1986) - que não era o dele, sendo-o muito - como autor assumido, é um pouco mais complexo e menos provocador. Para quem, sob a caução de leituras feitas lá fora,



esperava ver nele uma devastadora denúncia das ilusões e da má fé que todos os povos põem, como os indivíduos, na evocação dos seus passados, a decepção é completa. E não é mal que o seja, pois o tão apreciado jogo das meras inversões ou transgressivas leituras das mitologias consagradas, começou a ser o conformismo da Maternidade ou do que resta dela. A visão de Manoel de Oliveira é mais interessante porque sem deixar de ser clássica à má maneira, como o pequeno navio da *Ode Marítima*, está destinada a perturbar, a outro nível, a alegre, a inexcavelmente feliz relação que a memória comum da pátria entretém com ela mesma. Inspirando-se no esquema narrativo de *Os Lusíadas*, impondo ao alferes-narrador (Luís Miguel Cintra), no momento crucial do filme, uma “voz camonianiana”, tão apta para legendar os nossos feitos gloriosos como para sublimar esta colecção enigmática de “ocasiões perdidas”, em que se

resumiria a nossa História, Manoel de Oliveira, para além de virtual e inócua contestação, opera um bem maior desvio ou derrapagem do nosso discurso épico já vazio, paradoxalmente, torna-o redivivo com toda a inocência.

Para quem conhece a obra de Manoel de Oliveira era pouco crível que as coisas se passassem como o *Libération*, a partir de uma perspectiva niilista, co-natural à presente cultura francesa, pensa que se passam. Mas não era menos crível que elas fossem de natureza a ofuscar a óptica caseira do nosso patriotismo castiço, sensível à sacralização abstracta de um passado que há séculos substituiu a imagem verosímil da nossa História. Que os apoderados do sentimento nacional, os diversos “souteneurs” do amor pátrio, se tranquilizem. O autor de *Francisca* (1981) não se especializou no



ultraje ou no sacrilégio relativo aos chamados “valores nacionais”. Não é, nem era de esperar que fosse, o Buñuel ou o Arrabal da nossa mitologia patriótica ou sentimental. A sua navegação não é menos aventureira, mas é mais subtil, lírica e alegórica, à portuguesa. Neste seu filme, Manoel de Oliveira nem revisita como historiador minimamente inovador o nosso passado, nem promove acerca dele uma leitura mitológica de transcendente alcance, como puderam ser nas suas épocas, a de Carmões, de Garrett, de Herculano e sobretudo, a de Antero e Oliveira Martins ou, em versão poético-mítica, a de Pascoaes, de Pessoa e de Régio. Manoel de Oliveira propõe, com uma candura sublime, numa mitologia primária (a da escola primária do seu tempo), a primeva, original, fundadora, por já colhida na sua forma mítica, escolhendo nela aqueles episódios que por serem sonhos

perdidos, como os de Emma Bovary, deixaram no corpo e na alma cicatrizes indeléveis.

A sua perspectiva é de uma mitologia-ficção, monstro conceptual apenas aparente. *NON* ou *a Vá Glória de Mandar* só por contra-senso ou perversão exegética pode ser remetido para o horizonte da nossa história colectiva real, lida com sinal positivo ou negativo. É um filme totalmente onírico, como quase todos os do mais célebre dos nossos cineastas, e por causa disso...

*NON* situa-se em qualquer parte entre *Conan the Barbarian* (Conan O Bárbaro, 1982, John Millius) ou *La Guerre du feu* (A Guerra do Fogo, 1981, Jean-Jacques Annaud) - sinais do regresso às origens que fascina a nossa condição de habitantes do Fim - e *Excalibur* (1981, John Boorman), flecha cravada num futuro onde nos espera, acaso, a



Fotogramas do filme *NON ou a Vã Glória de Mandar* (1990) de Manoel de Oliveira

solução do enigma. Mas, claro está, o que mais nos importa é que na sua operação de mitológica-ficção, Manoel de Oliveira reestrutura, à sua maneira inconfundível, o território instável do nosso imaginário. Ao mesmo tempo comovido e perplexo, revisita esses momentos de perda e potencial glória em que, segundo ele, o nosso destino mítico ou se inflectiu, jogando contra os imperativos da História real (Viriato) ou se perdeu, sonâmbulo, inconscientemente suicida, como em Alcácer (D. Sebastião).

Como ilustração de um pacifismo óbvio ou de um moralismo não menos óbvio, esta revisitação em forma de história aos quadradinhos não teria grande alcance, por mais fascínio que possam exercer sobre o espectador, quase só como simples ícones ou teatralização onírica, muitos episódios ou imagens do filme, autônomas no seu poder ou na sua magia,

tal como outros ou outras (*Ilha dos Amores*) podem fazer sorrir pelo seu lado assumidamente *kitsch*. Também não me parece que se equilibre esta real ou hipotética constatação do ideal épico tradicional e o seu discurso de “conquista” com a apologia do “dar” ou “dar-se” que caracterizaria, seguindo nisso a mais patriótica das exegeses, o feito mais positivo da nossa História, o dos Descobrimentos, subtraído assim à maléfica existência com os interesses e violências deste baixo mundo. Não que a oposição seja irrelevante, e ainda menos absurda, mas porque no corpo do filme, nos seus episódios e imagens, esta redentora dádiva de nós mesmos justificadora da nossa aventura, é uma mera hipótese, não vida vivida, encarnada.

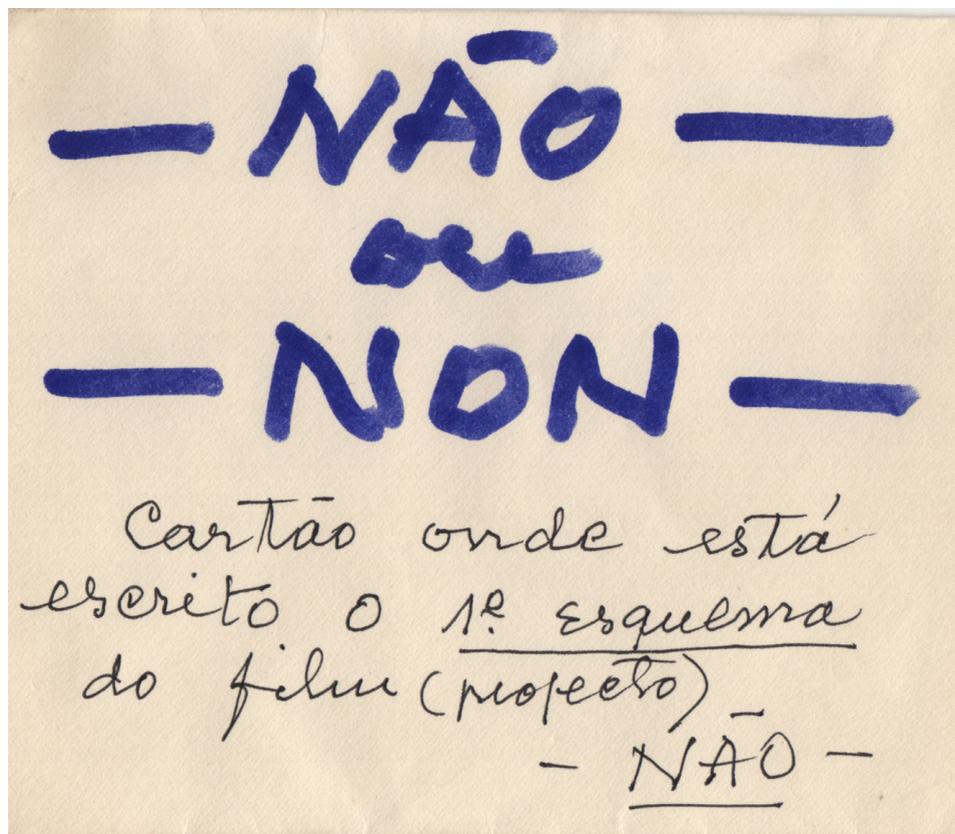
A visão de Manoel de Oliveira, o que nela nos toca, tem a ver com a melancolia, com a franja de fracasso que banha e como que



Fotografia de rodagem do filme *NON ou a Vã Glória de Mandar* (1990) de Manoel de Oliveira

ilumina, elevando-a a um grau que as meras vitórias - mesmo aquelas fundadoras como Ourique ou Aljubarrota - não suscitam. Não se trata pois, em *NON ou a Vã Glória de Mandar*, de dar uma maniqueísta preferência como elemento definidor ou característica do nosso destino, pelas “derrotas” contra as “vitórias”. Trata-se apenas de perceber e sentir que as vitórias têm nelas mesmas o seu preço, e que as derrotas - as derrotas impostas por sonhos maiores do que nós - nunca acabam de nos interpretar e, de algum modo, de nos redimir. Mesmo contada com a incrível ingenuidade da infância que é a dos verdadeiros poetas, a “História” a nossa História, não é um *western* com fim claro e justiceiro. É um enigma, uma palavra reversível, cujo comentário Manoel de Oliveira entrega ao pessoano imperador da nossa língua e desvairado profeta do

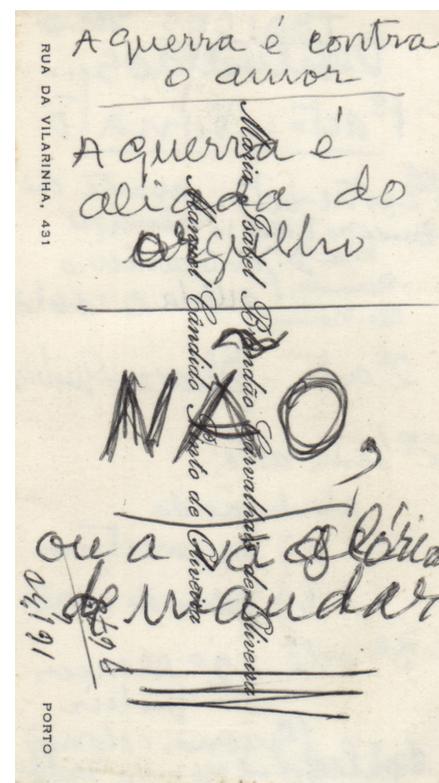
nosso destino. A filosofia que talvez Manoel de Oliveira não tenha e o filme não precise, no jogo barroco de Vieira sobre o *NON* se diz com o relevo que basta. *NON* é mais que fácil rejeição do que nos oprime ou nega porque não somos sequer sujeitos dela. Não somos nós que rejeitamos, mas é alguém ou alguma coisa (fado ou deuses) que nos rejeita, que nos submete à sua norma sempre reversível e enigmática. Bordado sobre a nossa “História”, a partir de um remate dela entrevisto e mostrado como inevitável (e justa?) catástrofe, o filme de Manoel de Oliveira, como quase todos os seus, nada tem a ver com a História, mas com a sua representação mítica. A sua linhagem não é a dos mitólogos, à Jaime Cortesão, à Agostinho da Silva, mas também à Régio e à Pessoa, todos corrigidos e subtilmente desviados das suas visões messiânicas, mais ou menos euforizantes



pela visão de Oliveira Martins. A nossa aventura termina em Alcácer-Quibir como a do autor da *História de Portugal* (retomada literalmente na *Mensagem* de Pessoa), nessa batalha que consagra a nossa vocação de derrotados, não por congénita fraqueza ou cobardia mas por excesso de sonho, de inconsciência ou de loucura, aquilo a que os gregos chamaram “ybris”. A guerra de África - ou a jornada de África, à Manuel Alegre - com o seu 25 de Abril emblemático, é apenas o já visto, um Alcácer-Quibir de sonho, de que as diversas vozes dos soldados presos nas malhas de um Império póstumo buscam uma explicação no imperialismo alheio (americano e russo), nunca

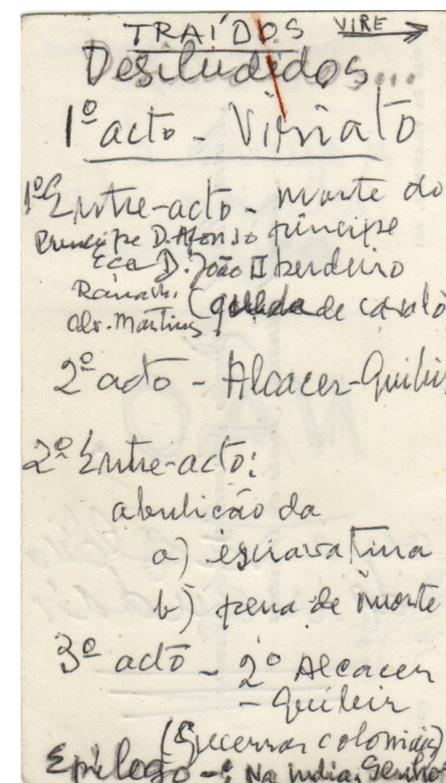
em nós mesmos, povo inocente e crístico, como o judaico é povo de Deus no meio das suas abominações ou idolatrias. É este Portugal-fora-da-História, não por princípio, mas pelo nosso gosto de a ignorar, que o narrador remete para a “História” como rosário de altos e dolorosos (vãos?) sacrifícios, sem outro resultado que o de uma última identificação, acaso redentora, com um Desejado que numa imagem fulgurante se revela como incapaz de Desejo.

É o último filme de Manoel de Oliveira o grande, sofisticadamente inocente ajuste de contas com um 25 de Abril e a sua debilitada mitologia? Não é de excluir esta leitura anedótica, mas redutora.



Primeiro esquema do filme *NON ou a Vã Glória de Mandar* (1990), depositado na Casa do Cinema Manoel de Oliveira – Fundação de Serralves

Será mais justo colocá-lo sob a égide do Raul Brandão de *El-Rei Junot*, do António Patrício do *Fim*, do D. Sebastião e do seu Evangelho em branco de Régio, e lá mais para trás à sombra das presenças tutelares do Garrett de *Camões* e *Frei Luís de Sousa* corrigidos pela saudade-esperança, fracasso-redenção de Pascoaes e até de Pessoa. Mas o mais simples é ser tão claro e ingénuo como o autor e colocar o seu filme, como Manoel de Oliveira o fez sob o olhar camoniano, melancólico, irado, amante de amargas verdades e de utópicos paraísos. É assim tão intolerável este “vídeo-clip” das nossas desgraças, afinal tão patrioticamente gloriosas, para que as puras vestais do destino nacional como epopeia pura, à John Wayne (o



que só nós vemos), se ofusquem, a ponto de não quererem mirar-se, ao menos por curiosidade, neste espelho do nosso anti-Lewis Carroll?

Eduardo Lourenço  
(in *Público*, 12 de outubro de 1990, p. 8-9).